UM TESOURO DA LITERATURA EM PORTUGUÊS

- FABIANE SECCHES

“Estou muito convencido de que Noemi Jaffe é um tesouro da língua e da literatura em português”, disse o escritor Valter Hugo Mãe em entrevista concedida ao site *Fronteiras do Pensamento*. A escritora, nascida em São Paulo no ano de 1962, também é crítica literária e professora de literatura formada em Letras pela Universidade de São Paulo, onde também completou seu mestrado e seu doutorado em Literatura Brasileira.

Jaffe transita entre diferentes gêneros literários e embaralha as classificações habituais das fichas catalográficas. Entre poesia e prosa, é autora de *Todas as coisas pequenas* (Hedra, 2005), *Quando nada está acontecendo* (Martins, 2011), *O que os cegos estão sonhando?* (Ed. 34, 2012), *A verdadeira história do alfabeto* (Companhia das Letras, 2012), *Írisz: as orquídeas* (Companhia das Letras, 2015), *Não está mais aqui quem falou* (Companhia das Letras, 2017) e *O que ela sussurra* (Companhia das Letras, 2020), entre outros textos.

Em entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo* em 2020, Jaffe comentou que tem uma “preferência que nem é intencional de escrever sobre mulheres. Mas essa coisa feminista e política acontece apesar da minha opção, porque estou primeiro interessada na história e na linguagem”. Já em outra entrevista concedida à revista *Época* em 2017, a escritora pondera que:

“(…) a literatura é capaz de fazer com que os indivíduos que se deixam tocar e mobilizar pela palavra literária se sintam um pouco deslocados em relação à vida que levam. E isso é importante. A vida é complicada, exige que a gente viva num tipo de trilho. Se a gente sai do trilho, não consegue fazer tudo o que precisa fazer. Mas a literatura permite que saíamos do trilho, que nos desloquemos. E, nesse deslocamento, a gente abre os olhos e percebe o quanto não estamos nos espantando.

A literatura parte do espanto e provoca o espanto, mas não é capaz de mudar o mundo”.

Essas duas breves passagens ajudam a localizar sua obra em meio à literatura contemporânea brasileira: em um processo esmerado de trabalho com a linguagem, Jaffe vai ganhando mais e mais intimidade com as palavras conforme promove uma escavação etimológica, então as torce e retorce à sua maneira, transformando o idioma familiar em estrangeiro, e em estrangeiro, o familiar. A autora vai tecendo suas histórias fazendo experimentações formais, encharcando a sua prosa com lirismo, desautomatizando a lógica da escrita e, por sua vez, desautomatizando também a experiência de leitura.

Entre os seus livros favoritos, está *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa: “Esse livro, para mim, foi uma revelação do que é possível fazer com a literatura. Como a linguagem literária, com suas subversões, é capaz de alterar nossa visão de mundo e nossa compreensão sobre pessoas que nunca vimos ou que mal conhecemos. É a magnitude da linguagem arejando a vida”, escreve Jaffe no jornal *Nexo* em 2016.

De literatura brasileira, também menciona *Libertinagem*, de Manuel Bandeira: “A poesia está no amor como nos chinelos’ é a revelação do mundo das coisas pequenas e a afirmação de como elas são importantes para a vida e para a literatura”.

Assim, deslizando com habilidade entre a linguagem comezinha e a literária, Jaffe vai construindo uma obra particular, com voz e ritmo próprios, e se coloca ao lado de grandes nomes da literatura brasileira e, por que não, também da literatura contemporânea de maneira geral.